

A ética das virtudes e a proposta da ética do cuidado de Michael Slote

RESUMO

O texto define o que é ética das virtudes, apontando uma caracterização possível para as diversas formas que ela assume na atualidade, e apresenta a proposta de Ética do Cuidado de Michael Slote como uma versão contemporânea dessa abordagem ética.

Palavras-chave: Ética das virtudes; Michael Slote; Ética do cuidado.

ABSTRACT

This paper is aimed at defining virtue ethics and presenting Michel Slote's ethics of care as one of the contemporary attempts to provide an Aristotelian-based account of virtue.

Key words: Virtue ethics; Michael Slote; Ethics of the care.

* Mestrando em Filosofia, Universidade Federal Piauí (UFPI) / CAPES.

Introdução

O movimento contemporâneo conhecido como *Ética das Virtudes* é uma forma de abordagem ética que tem sua origem no mundo antigo, particularmente nos escritos de Aristóteles, e que, depois da publicação do artigo *Modern Moral Philosophy* (1958) de G. E. M. Anscombe, passou a ocupar um amplo espaço nos debates morais recentes. Esta abordagem ética vem se constituindo como uma alternativa consistente, capaz de contribuir significativamente para a resolução dos problemas que assolam a moralidade contemporânea.

Apontada como uma opção teórica às formas de teoria moral normativa moderna, a ética das virtudes tem se esforçado em produzir teorias com estrutura capaz não só de dar conta dos problemas em teoria moral, mas que permita comparação crítica com as outras formas prevalentes de ética. Para tanto, seus principais representantes têm se debruçado sobre os textos clássicos que abordam a temática das virtudes visando atualizá-los contemporaneamente.

Contudo, apesar de partilharem princípios gerais comuns, a tarefa de elaborar uma abordagem ética sistemática levou os teóricos das virtudes a divergirem quanto à forma como esta deve ser estruturada, aparecendo, assim, diferentes concepções de ética das virtudes. Tal situação requer que examinemos em que consiste essa abordagem ética e no que ela se diferencia das demais abordagens éticas existentes, objetivando identificar os conceitos fundamentais que a sustentam e apontar uma classificação possível para diversas formas de ética das virtudes existentes na atualidade.

Tendo em vista que a forma dominante de ética das virtudes que sempre existiu e continua a existir é o aristotelismo e que as questões relacionadas ao humanitarismo, uma das principais preocupações de nossa época, ocupam pouco ou nenhum espaço na teoria ética aristotélica, apresentaremos a proposta de ética do cuidado de Michael Slote como uma versão da ética das virtudes que tem o mérito de inserir, por meio da tematização do cuidado, essa discussão no interior dessa abordagem ética.

Uma compreensão geral da ética das virtudes

A ética das virtudes é uma abordagem ética que entende a noção de virtudes como fundamental para o empreendimento ético. Nessa perspectiva, o valor de uma ação moral diz respeito à vontade do sujeito, quando esta é reta e esclarecida e ele está suficientemente informado sobre a natureza de seus desejos e sobre os seus objetos. As virtudes são compreendidas como “as disposições do caráter moral do sujeito ou como as formas de orientação da sua vontade.” (CANTO-SPERBER, 2004, p. 59). Elas permitem o cumprimento do bem do agente, seu fim último, para o qual a posse e o exercício das virtudes são fundamentais em sua consecução. Elas são, assim, qualidades necessárias para uma vida humana bem sucedida, pois contribuem para o bem estar do indivíduo virtuoso.

Desse modo, a ética das virtudes se interessa prioritariamente pelo caráter virtuoso do ser humano e por suas motivações íntimas, buscando “uma explicação das virtudes que é auto-sustentada e central antes que derivada ou meramente complementar à teoria moral.” (SLOTE, 2000, p. 327). Ou seja, ela é uma abordagem ética que entende a noção de virtude como a noção primeira a partir da qual derivamos nossos juízos morais. A ética das virtudes pergunta primeiramente “que traços de caráter tornam uma pessoa boa”, para só então perguntar “qual é a coisa certa a fazer”. Para essa abordagem ética, os fatos são anteriores às noções de dever e consequência na apreciação moral, deixando de localizar o centro irradiador do valor moral no *agir* para localizá-lo no *ser* daquele que age.

Dito isso, podemos afirmar que uma visão conta como forma de ética das virtudes somente se ela trata noções tais como “excelente”, “admirável” como fundamental para o empreendimento ético, priorizando assim o caráter e os motivos do agente em detrimento de regras e/ou consequências. Essa caracterização acima, apesar de ampla, nos permite contrapor a ética das virtudes às éticas deontológicas e consequencialistas, as quais colocam o dever e as consequências como prioritários no empreendimento moral.

As éticas deontológicas, em oposição à ética das virtudes, valorizam primeiramente o

conceito de dever e só posteriormente o conceito de bem e as conseqüências das ações. Isso significa dizer que os juízos morais da ação humana não têm como justificação a obtenção de bons resultados ou a sua utilidade. Este tipo de teoria que avalia as ações do homem em função do seu princípio implícito e independentemente dos seus efeitos. Trata-se, assim, de uma ética do dever, pois o valor moral de uma ação repousa "sobre a ação justa." (WILLIAMS, 2003, p.769).

As éticas consequencialistas, por sua vez, se interessam prioritariamente pelas conseqüências benéficas dos atos. Essa perspectiva se fundamenta exclusivamente no valor das conseqüências do ato para explicar a legitimidade de uma determinada ação moral. Assim, uma ação é boa ou má proporcionalmente ao grau em que aumenta ou diminui a felicidade ou os benefícios gerais, por exemplo, comparado com o grau que poderia ter sido alcançado ao agir-se de modo diferente.

Nesse sentido, a ética das virtudes constitui-se numa alternativa teórica às éticas deontológicas e consequencialistas na medida em que fornece uma descrição atraente da motivação moral, enfatizando o papel das qualidades pessoais na apreciação moral.

As diferentes concepções contemporâneas de Ética das Virtudes

No mundo antigo, o conceito de *eudaimonia*, apesar de ser interpretado de diferentes formas, unificava as diversas concepções de ética das virtudes existentes, pois estas teorias "tratavam a questão do que é bom para o agente [...] como o ponto de entrada para a teoria moral." (SLOTE, 2000, p. 326). Porém, no mundo contemporâneo, com a influência das éticas normativas, existe uma pluralidade de visões do que venha a ser *eudaimonia* e de qual seu papel na avaliação moral. As respostas dadas a estas questões distinguem as diversas formas de ética das virtudes existentes atualmente.

Apesar dessa diversidade, no artigo "*Virtue Ethics*" Michael Slote aponta três formas básicas de classificarmos a ética das virtudes: a eudaimonista, a intuicionista e a centrada no agente (p. 329). Consideremos de forma breve cada uma delas.

A versão eudaimonista da ética das virtudes, tal como o próprio nome sugere, se fundamenta na noção aristotélica de boa vida, para a qual as virtudes são essenciais. Essa versão foi retomada por filósofos contemporâneos tais como a neonaturalista Elizabeth Anscombe e o neotomista Alasdair MacIntyre, dentre outros. Estes filósofos partem do pressuposto de que a moralidade atual não passa de "fragmentos de um esquema conceitual, partes às quais atualmente faltam os contextos de onde derivavam seus significados." (MACINTYRE, 2001, p. 14) e defendem o retorno à concepção aristotélica de bem humano como a saída para devolver coerência e inteligibilidade ao debate moral contemporâneo.

Anscombe, por exemplo, acusa os filósofos contemporâneos de operarem com a idéia de "dever moral" sem se referirem à noção de legislador divino que lhe dava sentido ou a qualquer outra instância legisladora; ela chega mesmo a "pôr em dúvida a existência de conceitos morais que não fossem estreitamente relacionados às disposições naturais dos homens." (CANTO-SPERBER, 2004, p. 61). Anscombe sugere, então, que abandonemos os conceitos de obrigação e dever e regressemos à noção aristotélica de virtude, vinculando-a às necessidades e aos desejos humanos (ANSCOMBE, 1958, p. 18-19).

Alasdair MacIntyre radicaliza as críticas iniciadas por Anscombe afirmando que a moralidade contemporânea não passa de "simulacros da moralidade" (2001, p. 14), um conjunto de fragmentos de moralidades passadas desprovidos de sentido e função. Segundo ele, não dispomos de critérios capazes de garantir um debate racional, uma vez que cada teoria moral contemporânea, por ter sua origem em tradições morais rivais e incomensuráveis entre si, argumenta a partir de seu ponto de vista particular, inviabilizando assim qualquer tentativa de entendimento possível. Retomar a tradição aristotélica das virtudes é o único remédio eficaz para evitar os males que assolam a moralidade contemporânea.

A versão intuicionista da ética das virtudes defende a idéia de que as ações justas são independentes do agente, ou seja, são as qualidades dos atos que determinarão o valor da ação. Slote comenta que esta versão interpreta Aristóteles como alguém "que considera a qualidade moral

das ações como largamente independente do caráter moral do agente.” (2000, p. 327-328), ou seja, defende a idéia de que o agente se torna justo pela prática de ações justas. Essa versão tem nos neonaturalistas Bernard Williams e Philippa Foot seus maiores representantes.

Bernard Williams desenvolveu o argumento de que a ética kantiana e o utilitarismo põem uma tônica não natural nos interesses puramente impessoais, ignorando os projetos pessoais que necessariamente ocupam o horizonte próximo das vidas práticas das pessoas. Ele retoma a idéia aristotélica segunda a qual

[...] os princípios morais não podem ser integralmente explicitados de maneira racional, nem avaliados abstratamente, já que são as práticas concretas que lhe conferem um sentido e os inscrevem na vida social. (CANTO-SPERBER, 2004, p. 65).

Philippa Foot, por sua vez, critica duramente a noção categórica de dever moral e defende a idéia de que um juízo moral deve determinar a maneira como podem ser satisfeitas certas necessidades especificamente humanas, as quais nos dão razões para agir. Para ela, “as razões de agir reportam-se à expressão de desejos ou necessidades nos quais a moralidade está enraizada.” (Idem., p. 60).

Já uma versão da ética das virtudes centrada no agente, tal como propõe Michael Slote, “derivará então suas avaliações éticas das ações vindas do que tem sido dito sobre os motivos ou os traços característicos dos agentes.” (SLOTE, 2000, p. 329), reconhecendo, por um lado, uma variedade de características desejáveis e, por outro lado, a impossibilidade de estabelecer algum critério que permita determinar, infalível e eficazmente, quais características têm de uma significação moral particular. É a situação pessoal dos agentes, seus projetos e desejos particulares, que origina os vínculos e finalidades morais genuínas. Tal perspectiva moral vincula-se a ética das virtudes na medida em que se apóia na idéia de viver virtuosamente, pois exige do agente não somente boas razões para agir, mas que estas razões sejam coerentes com sua própria constituição interna. Seguindo uma perspectiva diferente da maioria dos teóricos da ética das virtudes, Slote propõe uma versão desta abordagem ética que focaliza as virtudes nos motivos de cuidado afetuoso. Assim sendo, essa proposta tem a vantagem de inserir

uma nova categoria interior da ética das virtudes: o cuidado. Essa peculiaridade da proposta de Slote justifica um exame mais detalhado de tal proposta.

A proposta de Michael Slote

A versão de ética das virtudes de Michael Slote se diferencia das demais por enfatizar o “cuidado com o outro” como uma preocupação moralmente respeitável. Para desenvolver sua proposta, Slote parte do pressuposto de que, por não haver qualquer compromisso com questões humanitárias na versão aristotélica da ética das virtudes, esta se mostra deficiente enquanto instrumental teórico, pois não considera uma das questões mais importantes para a atualidade. Para fins de relevância contemporânea, ele propõe uma versão desta abordagem ética que dê conta de tal questão. Assim, ele propõe uma *ética do cuidado centrada no agente* que

[...] não apenas discuta como poderíamos tratar aqueles que conhecemos ou que são próximos, mas também [...] considerar nossas obrigações com pessoas desconhecidas e distantes. (2000, p. 337).

Ora, para Slote uma ética do cuidado já pressupõe uma atenção maior com as pessoas próximas e queridas por nós do que com pessoas em geral. É natural que se cuide ou ajude alguém que você conhece e sabe que está precisando do que alguém que não se conhece. Assim, uma ética do cuidado tem como categoria básica o *cuidado íntimo*. No entanto, Slote quer ir além desse cuidado íntimo, ele quer encontrar uma base para o *cuidado humanitário*. A questão que se coloca então é como encontrar um nível adequado de cuidado humanitário, ou seja, como equilibrar o cuidado íntimo com o cuidado humanitário no interior de um esquema moral.

Para resolver tal dilema, Slote recorre ao modo como lidamos com as pessoas que amamos, ou seja, o amor balanceado. Segundo ele, se um pai tem duas crianças e ama igualmente as duas, o cuidado que este pai tem com uma e com a outra não permitirá que ele trate, todo tempo, as duas igualmente. Antes, este cuidado envolve algum tipo de *comparação* na qual o pai dará o devido cuidado a cada criança, tal como o cuidado amoroso exige. Ainda que uma fosse deficiente e a outra não, o cuidado

amoroso coloca a necessidade de atenção com cada uma das duas crianças, sob pena de se cometer uma injustiça se for dispensado demasiado tempo somente com a criança deficiente. Assim, através de uma avaliação balanceada das necessidades de cuidado de cada criança, o pai mostrará cuidado por cada uma delas.

Slote acredita que este tipo de “cuidado balanceado”, característico do cuidado amoroso por mais de um indivíduo,

deveria também governar as relações entre duas categorias amplas que nós podemos chamar cuidado íntimo e cuidado humanitário. (2000, p. 338).

Desse modo, o cuidado balanceado nos permite encontrar um “meio-termo” entre as duas categorias nas quais se fundamenta sua proposta de ética do cuidado. Segundo ele, o cuidado balanceado permite que o indivíduo moralmente bom mostre cuidado tanto com aqueles próximos e queridos quanto pela humanidade em geral. Portanto, podemos afirmar que a proposta de ética do cuidado centrada no agente de Michael Slote representa uma versão modificada da tendência aristotélico-estóica de localizar o bem em viver virtuosamente, de forma que as questões contemporâneas relacionadas ao humanitarismo sejam incorporadas no interior dessa abordagem ética.

Por certo, a proposta de ética do cuidado de Michael Slote parece bastante atraente. Porém, ela só se mostra eficaz em se tratando de indivíduos moralmente bons, pois permite apenas que o indivíduo, que já é moralmente bom, equacione o cuidado íntimo com o cuidado em geral, mas não diz nada sobre os que ainda não são moralmente bons. Tendo em vista que a ética das virtudes tem se esforçado em produzir teorias com estrutura capaz não só de dar conta dos problemas em teoria moral, mas que permita comparação crítica com as outras formas prevalentes de ética, a proposta de Slote precisaria ser aprofundada e ampliada para alcançar tal objetivo. Apesar disso, ela tem o mérito de trazer para o interior da ética das virtudes uma temática até então pouco abordada ou, na maioria das vezes, esquecida. Isso significa que se esta proposta for devidamente aprofundada, pode se constituir numa versão contemporânea interessantíssima

da ética das virtudes, uma vez que ela atenta para uma temática que exige atenção urgente, qual seja o cuidado com o outro.

Considerações finais

O debate interno sobre as diferentes concepções de ética das virtudes tem produzido trabalhos com um excelente grau de qualidade. Seus teóricos estão desenvolvendo essa abordagem ética de tal modo que ela não apenas comporta Aristóteles, mas admite outras direções diferentes, mais notadamente Nietzsche e Hume. Christine Swanton (2003), por exemplo, elaborou uma visão pluralista da ética das virtudes a partir de uma noção de amor-próprio inspirada na psicologia nietzschiana. Já Michael Slote, por sua vez, tem elaborado em seus trabalhos recentes, uma versão dos afetos cada vez mais humana.

Apesar de, quando comparada com outras teorias, a ética das virtudes encontrar-se num estágio relativamente embrionário, esta se mostra muito promissora enquanto teoria moral. Mais que isso, a ética das virtudes se mostra como uma abordagem ética consistente, capaz de nos oferecer uma descrição moral substantiva. Ela pronuncia a necessidade de se repensar a própria forma que as questões morais são abordadas, incorporando e aprofundando temas que não foram inicialmente debatidos.

Contudo, por ser uma proposta em construção, a ética das virtudes parece distante de constituir-se numa abordagem ética consensual e internamente coerente, o que deixa transparecer um amplo espaço tanto para o surgimento de novas versões quanto para o aperfeiçoamento das versões existentes.

Referências Bibliográficas

- ANSCOMBE, G.E.M. Modern Moral Philosophy. *Philosophy*, v. 33, n. 124, p. 1-19, 1958.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Consultoria Danilo Marcondes; Tradução Desidério Murcho, et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.
- CANTO-SPERBER, M. *Que devo fazer? A filosofia moral*. Tradução de Benno Dischinger. São Leopoldo-RS: Editora UNISINOS, 2004.
- CREMASCHI, Sergio. Tendências neo-aristotélicas na ética atual. Tradução de Manfredo Araújo

de Oliveira. In: OLIVEIRA, Manfredo A. de (Ed.). *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 9-30.

MACINTYRE, A. *Depois da virtude: um estudo em teoria moral*. Tradução de Jussara Simões; Revisão técnica de Helder Buenos Aires de Carvalho. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

SLOTE, Michael. Virtue Ethics. In: LAFOLLETTE, Hugh (Ed.) *The Blackwell Guide to Ethical*

Theory. Cambridge-MA: Blackwell Publishers, 2000. p. 325-347.

SWANTON, Christine. *Virtue ethics: a pluralistic view*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

WILLIAMS, B. Virtudes e vícios In: CANTO-SPERBER, M. (Org.). *Dicionário de ética e filosofia moral*. São Leopoldo-RS: Editora UNISINOS, 2003. p. 769-773.

Recebido em 18/03/2009
Aceito em 27/06/2009